

In: VIEIRA, Trajano e ALMEIDA, Guilherme de. Três tragédias gregas. São Paulo: Perspectiva, 1997. Tradução de Guilherme de Almeida

## ANTÍGONE - SÓFOCLES

Tradução: Guilherme de Almeida

- ANTÍGONE - Ó meu próprio sangue, Ismene, irmã querida,  
que outros males Zeus, da herança infanda de Édipo,  
há de nos mandar enquanto formos vivas?  
Não existe dor, maldição, ignomínia,  
ou desonra, que eu não tenha visto ainda  
figurar no rol dos teus e dos meus males. 5  
E esse novo edito agora proclamado  
pelo chefe contra esta cidade inteira?  
Não ouviste nada? ou ignoras que bem pode  
a amigos ferir o mal feito a inimigos? 10
- ISMENE - Nada ouvi dizer, Antígone, dos nossos,  
que me seja alegre ou triste, desde o dia  
em que os nossos dois irmãos tombaram mortos  
de um só duro golpe, e pelas mãos um do outro.  
A não ser que as hostes de Argos, esta noite 15  
que passou, partiram, nada sei que a mim  
torne mais feliz, ou infeliz, do que era.
- ANTÍGONE - Bem sei; e por isso foi que te chamei;  
ninguém pode ouvir o que a ti só direi.
- ISMENE - Mas o que há? De certo alguma coisa grave? 20

ANTÍGONE – Pois não manda Créon dar à sepultura  
um de nossos dois irmãos, negando-a ao outro?  
A Étéocles, sim, segundo ordena o rito,  
fez cobrir de terra, a fim de ter repouso  
e honra entre os que estão no mundo subterrâneo. 25  
Quanto a Polinices, pobre morto, nem  
sepultura, nem sequer lamentações:  
ficará seu corpo ao sol apodrecendo,  
insepulto, até que as aves nele encontrem  
um tesouro doce para a sua fome. 30  
É o que a nós ordena o nobre Créon: sim,  
a nós duas, vês? até a mim também!  
E, o que é mais, vai vir a proclamar aqui,  
ele mesmo, o edito; e é tão sério que a pena  
implacavelmente imposta ao transgressor 35  
é a lapidação em plena praça pública.  
Eis o que há. Se és digna, prova sem demora  
não ter sangue nobre em coração ignóbil.

ISMENE – Ah! pobre de mim! Já que assim é, que posso  
eu fazer por ti, que valha alguma coisa? 40

ANTÍGONE – Vê se poderás ajudar-me a lutar.

ISMENE – Mas em que é que pensas? que é que tu pretendes?

ANTÍGONE – Transportar por minha e tua mão o morto.

ISMENE – Vais violar, então, o edito proibitório?

ANTÍGONE – Queiras tu, ou não, é meu e é teu irmão. 45  
Não, ninguém dirá jamais que o reneguei.

ISMENE – Apesar da lei de Créon, infeliz?

ANTÍGONE – Não há de ele, nunca, afastar-me dos meus.

ISMENE – Ai de nós, irmã! Pensa no nosso pai  
que morreu na infâmia e no ódio, denunciando 50  
ele mesmo os próprios crimes, e, afinal,  
com as próprias mãos arrancando os dois olhos.  
Pensa na que foi para ele mãe e esposa  
e – que horror! – num laço estrangulou a vida.

E nos nossos dois irmãos, terceiro golpe,  
que, matando-se um ao outro ao mesmo tempo, 55  
encontraram juntos um mesmo destino.  
Pensa, enfim, em nós, nós duas sós, agora,  
que terrível fim teremos se tentarmos,  
contra a lei, zombar da força de quem manda. 60  
Não nos esqueçamos: somos só mulheres,  
incapazes, pois, de competir com homens;  
e, além disso, estamos presas aos mais fortes  
e ao capricho de ordens cada qual mais dura.  
Quanto a mim, rogando aos mortos sob a terra, 65  
peço-lhes perdão por ser assim forçada  
ao respeito às leis ditadas por quem pode.  
É supérfluo ir contra as nossas próprias forças.

ANTÍGONE – Nada mais te peço; e mesmo que quisesses  
ajudar-me, um dia, eu não o aceitaria. 70  
Faze o que quiseres! Eu o enterrarei  
sem ninguém. Será belo morrer por isso:  
repousar, amada, ao lado de quem amo,  
por tão santo crime. E se é mais longo o tempo  
em que hei de agradar aos mortos, do que aos vivos, 75  
lá descansarei. E, quanto a ti, despreza,  
se te apraz, aquilo que é mais caro aos deuses.

ISMENE – Não é que despreze: é que não sou capaz  
de ir de encontro à lei que rege esta cidade.

ANTÍGONE – Usa tais pretextos! Eu vou dar sozinha  
sepultura digna ao meu irmão dileto. 80

ISMENE – Quanto eu temo, ó incauta, pela tua sorte!

ANTÍGONE – Deixa a minha sorte: teme pela tua.

ISMENE – Mas, de qualquer modo, esconde o teu intuito,  
guarda-o bem oculto: o mesmo farei eu. 85

ANTÍGONE – Ao contrário: fala, conta a todo o mundo!  
Se o esconderes, mais ainda eu hei de odiar-te!

ISMENE – Queima-te o que faz meu coração gelar.

ANTÍGONE – Mas assim agrado a quem devo agradecer.

ISMENE – Se fosse possível: queres o impossível. 90

ANTÍGONE – Quando eu não puder, morta, desistirei.

ISMENE – Antes é que tu devias desistir.

ANTÍGONE – Pensa assim: terás acrescentado ao meu  
o ódio eterno desse morto, e com justiça. 95  
Deixa, a mim e à minha insensatez, sozinhas,  
arriscar aquilo que receias tanto.  
Nada iguala a glória de uma bela morte.

ISMENE – Vai, se queres; mas, embora louca, sabe  
que te querem bem os que te são queridos.

(Saem)

CORO – Raio de sol, dentre todos o mais belo fanal 100  
que em Tebas das sete portas  
já se acendeu; ó ouro  
do olho do dia  
enfim aberto para as águas do Dirce 105  
e para o Argivo do broquel branco e do arnês inteiriço  
que ao ver-te fincou as esporas  
da fuga precipitada.  
Esse que Polinices contra nós 110  
com ambígua audácia conduzia  
– e, estrídulo como a águia,  
sobre a terra abateu-se,  
asas cobertas de neve,  
armas inumeráveis 115  
e elmos de crineira eqüina.  
Com o bico adunco das lanças sedentas contra a cidadela,  
já rondava as sete portas;  
mas foi-se sem ter provado  
o gosto do nosso sangue 120  
e antes que os torreões que coroam o burgo  
ardessem com as tochas de Hefesto. Sobre os seus ombros  
rugira a fúria de Ares ensinando  
que é invencível o dragão.  
Zeus às bocas cheias de jactância 125

tem horror. E quando os viu  
jorrar em inimigo jacto 130  
na pompa vã das armas de ouro,  
do alto brandiu o raio  
que nas ameias prostrou aquele  
que já cantava vitória.  
Ei-lo que despenca e tomba no chão retumbante,  
tocha na mão, aquele que, delirante, 135  
soprava contra a cidade  
rajadas de vento pérfido.  
Foi-lhe contrária a sorte.  
Outros, de outras feições, já castigara o grande Ares,  
nosso aliado fiel. 140  
Sete capitães em frente às sete portas,  
postados, igual contra igual, entregaram  
ao Zeus da vitória as éreas armaduras;  
menos dois coitados que, de um mesmo pai 145  
e mesma mãe nascidos, um contra o outro,  
com lanças firmes, ambas vitoriosas,  
encontraram juntos morte igual.  
Mas a do nome altissonante, a Vitória,  
veio ao apelo da Tebas de muitos carros.  
Acabada a guerra, 150  
resta agora esquecê-la.  
Vamos aos templos dos nossos deuses  
para as danças noturnas: e, abalando o chão de Tebas,  
marche à frente Baco!  
Mas eis aí vem o rei desta nação: 155  
Créon de Meneceu,  
por desígnio recente dos deuses  
feito agora nosso chefe.  
Que intenção será a dele mandando  
a nós, velhos, uma ordem igual: 160  
a de estarmos agora aqui todos?

CRÉON – Varões, eis que, após tormenta bruta, os deuses  
à cidade deram nova segurança.  
E a vós outros, dentre tantos escolhidos,  
para aqui fiz vir, sabendo o quanto a Laio 165

e ao seu trono e cetro sempre fostes fiéis,  
quer no tempo em que vos governava Édipo,  
quer, morto este, aquela vossa lealdade  
conservada intacta para com seus filhos. 170  
Ora, já que os dois, em duplo fratricídio,  
por fatalidade, a si mesmos ferindo,  
a um só tempo réus e vítimas, tombaram,  
eu, herdeiro mais chegado do seu sangue,  
tenho que ocupar seu trono e seu poder.  
Ora, não se pode prejudicar um homem, 175  
decidir de sua alma e do que sente, enquanto  
ele não mostrar quem é, ditando leis.  
Quanto a mim, sabeis que aquele que governa  
e que, sem servir à justa causa, cede  
ao receio, e fecha a boca, esse eu acuso 180  
e condeno como o pior dos governantes.  
E também aquele que ousa sobrepor  
um amigo à pátria, a esse eu julgo um nulo.  
Eu, no entanto – e Zeus sempre presente o sabe –  
eu não sei calar quando, em vez da ventura, 185  
vejo a desventura vir contra a cidade;  
e nem sou capaz de ser amigo desse  
que vem contra a pátria, pois só quem a leva  
pelos justos rumos, esse é que há de ser,  
por virtude dela, um amigo entre amigos. 190  
Com tais normas penso tornar grande Tebas.  
Ora, para que desde hoje elas se cumpram,  
eis o que disponho sobre os filhos de Édipo:  
a Etéocles que, defendendo a cidade,  
tombou, ordenei-lhe dessem digno túmulo 195  
e em sua honra fosse consagrado todo  
o ritual devido aos nobres sob a terra.  
Quanto a seu irmão, a Polinices digo,  
que voltou do exílio para a ferro e a fogo  
destruir o pátrio solo e os Numes pátrios, 200  
e matar a sede infame em sangue irmão,  
e fazer de cada cidadão escravo,  
a esse não permito que a cidade honre,

nem com sepultura, nem com cantos fúnebres.  
Insepulto fique e seja pasto de aves 205  
e de cães, hediondo quadro a quem o vir.  
Eis como eu entendo: nunca em minha estima  
hão de ter direito igual os maus e os justos.  
Ao contrário, aquele que ama esta cidade,  
esse, vivo ou morto, eu saberei honrar. 210

CORO – Tratas, pois assim, Créon de Meneceu,  
aos amigos e inimigos da cidade.  
Podes legislar, ninguém o nega, tanto  
no que diz respeito aos vivos quanto aos mortos.

CRÉON – Cuidai seja à risca a minha ordem cumprida. 215

CORO – Encarrega disso aos que sejam mais moços.

CRÉON – Junto ao morto há guardas que já estão vigiando.

CORO – Então, que outras ordens tens para nos dar?

CRÉON – Não ficar ao lado dos desobedientes.

CORO – Ninguém há tão louco que deseje a morte. 220

CRÉON – Seria esse o prêmio; mas é que a ambição,  
alentando os homens, os arrasta à ruína.

(*Entra o GUARDA*)

GUARDA – Rei, não digo que, por vir com tanta pressa,  
afinal cheguei sem fôlego. Ao contrário,  
Quanta vez parei para pensar um pouco, 225  
e voltei atrás, e continuei depois!  
Quanta coisa ouvi meu coração dizer!  
“Correr tanto assim para ser castigado?”  
“Por que paras, louco? E se Créon vier  
a saber por outrem, vai te custar caro!” 230  
Com tudo isso, vi que me estava atrasando  
e que a estrada curta se tornava longa.  
Afinal, venceu a voz que me trazia  
a ti. Não sei bem o que dizer, mas digo.

Seja como for – e esta é a minha esperança –  
só o que tiver que suceder sucede. 235

CRÉON – Afinal, o que é que te embaraça tanto?

GUARDA – Antes de mais nada, a coisa não fui eu  
quem fez, nem eu sei quem foi; seria injusto  
que, por isso, viesse a acontecer-me alguma. 240

CRÉON – Quanta precaução! Como cercas os fatos  
de rodeios! Certo, é alguma grande nova.

GUARDA – É que ninguém gosta de dar más notícias.

CRÉON – Fala de uma vez; depois, vai-te daqui!

GUARDA – Vou contar. Alguém enterrou o tal morto  
e sumiu, depois de espalhar terra enxuta  
e de praticar o ritual do costume. 245

CRÉON – Que me dizes? Quem terá tido essa audácia?

GUARDA – Eu não sei. Nenhum sinal de pás e enxadas;  
em redor, a terra estava dura e seca;  
nem pegadas, nem qualquer sulco de rodas;  
quem o fez partiu e não deixou vestígios.  
Quando a sentinela da manhã mostrou  
a nós o que havia, foi uma surpresa.  
Não se via o corpo: não porque estivesse  
enterrado, mas porque uma poeira leve  
o cobria todo, como que atirada  
por alguém que não quisesse ser sacrílego.  
Nem sinal de cães ou feras que o fizessem.  
Entre nós, então, estouraram injúrias,  
uns culpando aos outros, e já se atracando:  
quem o impediria? Qualquer um podia  
ser culpado, mas nenhum o confessava.  
Estávamos prontos a tomar nas mãos  
ferro em brasa, a entrar nas chamas, a jurar  
pelos deuses não ter feito aquilo, e não  
ser cúmplice, e nem desconfiar de quem fez.  
Vendo que seria inútil continuar, 250  
255  
260  
265

um dos nossos fala qualquer coisa que  
de terror a todos fez curvar a fronte. 270

Como replicar-lhe, se era a única coisa  
que de fato nós devíamos fazer?

Disse que o melhor seria contar tudo,  
nada te ocultar. Foi o que resolvemos.  
E, tirada a sorte, eu fui o felizardo,  
e aqui estou, bem sei, mal visto e a contragosto:  
portador de más notícias ninguém quer. 275

CORO – Tenho idéia, ó Rei, de que o acontecimento  
possa ser talvez imposição dos deuses.

CRÉON – Cala-te, antes que transborde a minha cólera!  
Queres-te mostrar tão velho quanto estúpido?  
Coisa intolerável é essa que insinuas:  
que talvez os Numes cuidem desse morto.  
Honrariam eles, como a um benfeitor,  
enterrando-o, a esse que aqui veio só  
para destruir os nossos perístilos,  
nossos votos, nossa terra, nossas leis?  
Quando viste deuses protegendo os maus?  
Nunca! o que é verdade é que há nesta cidade  
indivíduos que murmuram contra mim,  
sorrateiramente abanando a cabeça  
que deviam ter submetida ao meu jugo.  
Esses, bem o sei, foram, pelo suborno,  
induzindo os mais a perpetrar o crime.  
Não há planta mais daninha que o dinheiro  
entre os homens: ele é que subverte o Estado,  
que arrebatava ao lar o chefe de família;  
ele é que fascina e que perverte os bons  
e os induz, enfim, à desonestidade.  
Ele ensina ao homem todas as perfidias  
e também a não recuar ante a impiedade. 280  
285  
290  
295  
300

Mas os que a ambição conduziu ao delito,  
esses, cedo ou tarde, hão de pagar bem caro.  
E, tão certo quanto a Zeus tenho servido,  
tu, atende bem ao que te digo e juro:  
se não conseguirdes descobrir aquele 305

que enterrou o morto, e conduzi-lo aqui,  
não vos bastará morrer: mas, enforcados  
vivos, haveis de confessar a afronta;  
e assim sabereis, e de uma vez por todas,  
onde procurar dinheiro no futuro;  
e que não podeis de tudo tirar lucro,  
pois o ganho ilícito a quem quer que seja  
leva mais à ruína que à prosperidade. 310

GUARDA – Poderei falar, ou, meia-volta – e vou-me? 315

CRÉON – Não compreendes tu que o ouvir-te me exaspera?

GUARDA – Onde mais te dói: no ouvido ou na consciência?

CRÉON – A ti que te importa, doa onde doer?

GUARDA – O culpado fere-te a alma: eu, as orelhas.

CRÉON – Oh! que contador de histórias te revelas! 320

GUARDA – Sim, mas não o autor do crime de que o acusas.

CRÉON – Talvez; e talvez também vendeste a tua alma.

GUARDA – Ai do que julgou, e o que julgou é falso!

CRÉON – Joga com palavras! Mas se não descobres  
os culpados, hei de ver-te confessar  
que só traz desgraças o proveito ilícito. 325

*(Entra no palácio)*

GUARDA – Não quero outra coisa. Mas, prenda ou não prenda  
os culpados – e isso a sorte é que decide, –  
nunca mais porei os pés aqui, verás.  
Dou graças aos deuses o escapar com vida:  
o que não é pouco, e que eu não esperava. 330

*(Sai)*

CORO – Muitos milagres há, mas o mais portentoso é o homem.  
Ele, que singra o mar sorrindo ao tempestuoso Noto,  
galgando vagalhões 335

que escancaram em torno o abismo;  
e que a deusa suprema, a Terra,  
a eterna infatigável,  
ano após ano, rasga a arado e pisa com cavalos. 340  
E da espécie dos pássaros volúveis faz sua presa,  
e à raça das bestas-feras,  
e à nadante no oceano 345  
estende as malhas que teceu  
e, destro, as aprisiona;  
e com artifícios doma a agreste  
fera do monte, e laça o cavalo 350  
de farta crina,  
e o touro incansável das montanhas.  
Palavras e pensamentos,  
fugazes como o ar, e leis 355  
a si mesmo ensinou; e do gelo  
e da chuva inóspitos,  
de tudo se defende; e, assim armado,  
nada do que pode acontecer receia. 360  
Somente à morte  
não sabe como fugir,  
embora às piores doenças saiba achar remédio.  
Senhor de arte e de engenho que ultrapassam qualquer sonho, 365  
pode preferir tanto o mal como o bem.  
Quando respeita as leis  
e o juramento dos deuses,  
é digno da pátria; mas é sem pátria 370  
o que por orgulho a conduz ao mal:  
esse não entre em minha casa  
nem comigo tenha um pensamento igual. 375

*(Entra o GUARDA trazendo, acorrentada, ANTÍGONE)*

Mas que prodígio sobrenatural  
é esse? Ela! Como dizer que não é ela,  
a jovem Antígone, que aí vem?  
Ó de Édipo,  
infortunado pai, infortunada filha! 380

Trazem-te presa em flagrante  
quando, insensata e desobediente,  
transgredias as ordens reais!

GUARDA – Esta é que é a culpada. Foi pilhada quando  
sepultava o morto. Mas, onde está Créon? 385

CORO – Ei-lo que aí vem, e que chega a propósito.

(Entra CRÉON)

CRÉON – Afinal, o que há? Por que chego a propósito?

GUARDA – Ninguém pode, ó Rei, garantir qualquer coisa:  
vem um pensamento e desmente o primeiro.  
Nunca imaginei voltar de novo aqui, 390  
tanto me assustaram tuas ameaças.

Pois que o melhor gozo é o que menos se espera,  
eu, infiel ao meu juramento, eis-me, pois,  
novamente aqui, a trazer-te esta moça  
que preendi cumprindo o rito funerário. 395

Desta vez, não fui sorteado por acaso:  
dependeu de mim a feliz ocasião.  
Aqui a tens, ó Rei, entregue às tuas mãos.  
Interroga-a, julga-a. E, quanto a mim, suponho,  
justo é que me livre desta enrascadela. 400

CRÉON – Vens com ela, sim: mas como, onde a prendeste?

GUARDA – Dando sepultura àquele morto – e é só.

CRÉON – Sabes o que dizes? E é verdade mesmo?

GUARDA – Vi que ela enterrava o morto proibido  
de ser enterrado. Está bem claro, ou não? 405

CRÉON – Como foi que a viste e como a surpreendeste?

GUARDA – Vou contar-te. Logo que cheguei, ainda  
cheio do terror das tuas ameaças,  
removemos toda a terra que o cobria,  
e o deixamos nu, já todo apodrecendo. 410  
E, sentados numas pedras, contra o vento

para que o mau cheiro não chegasse a nós,  
cada qual mantinha alerta seu vizinho,  
e com palavrões a quem se descuidasse.  
Isso, até a hora em que arde no alto o sol a pino. 415

Eis que, bruscamente, o vento em redemoinho  
ergue contra o céu uma tromba de poeira,  
varre o campo, estira a coma da floresta  
e enche de destroços todo o espaço imenso.  
E, de olhos fechados, todos esperamos 420  
que se dissipasse a cólera dos deuses.

Tudo serenado, enfim, eis que aparece  
essa moça, dando gritos estridentes  
de ave aflita, de ave que desesperada,  
soluçasse sobre o ninho despovoado. 425

Ante o corpo, então, despojado de terra,  
põe-se a lamentar-se; e, em brados lancinantes,  
lança maldições brutais contra os sacrílegos.  
E, com terra enxuta e uma ânfora de bronze  
temperado, alçando-a no ar, com sua mão 430  
verte sobre o corpo a tripla libação.

Isso vendo, nós nos atiramos a ela  
e a prendemos. Não tem medo algum de nada.  
Acusada, tudo ela confessa, tudo:  
nem o crime de hoje, nem o de ontem nega. 435

E eu fico contente e triste ao mesmo tempo:  
se é um prazer livrar-se a gente de um castigo,  
é bem duro ter que desgraçar os outros.  
Mas, confesso, sou daqueles, felizmente,  
que salvando a pele, o resto pouco importa. 440

CRÉON – Dize, tu que aí estás, tu, de cabeça baixa:  
negas ou confessas teres feito aquilo?

ANTÍGONE – Eu confesso tudo; nada negarei.

CRÉON (Ao GUARDA) – Vai-te embora tu, vai-te aonde quiseres:  
estás livre, nada pesa sobre ti. 445

(Sai o GUARDA. A ANTÍGONE)

E tu, dize logo, sem quaisquer rodeios:  
conhecias a ordem que vedava aquilo?

ANTÍGONE – Sim. Como ignorá-la? Era público o edito.

CRÉON – Não obstante, ousaste infringir minha lei?

ANTÍGONE – Porque não foi Zeus quem a ditou, nem foi  
a que vive com os deuses subterrâneos 450  
-- a Justiça – quem aos homens deu tais normas.

Nem nas tuas ordens reconheço força  
que a um mortal permita violar aquelas  
não-escritas e intangíveis leis dos deuses. 455

Estas não são de hoje, ou de ontem: são de sempre;  
ninguém sabe quando foram promulgadas.  
A elas não há quem, por temor, me fizesse  
transgredir, e então prestar contas aos Numes.  
Bem sei, como não? que hei de morrer um dia  
mesmo sem decreto teu; e se tombar 460

morta antes do tempo, então tanto melhor:  
para quem, como eu, vive entre tantos males,  
como não será de só proveito a morte?

Para mim, morrer não é sofrer; seria  
sofrimento, sim, se eu acaso deixasse  
insepulto o que nasceu de minha mãe.

Isso me doeria: o resto não importa.  
Posso parecer-te uma louca, talvez:  
mais louco, porém, é o que me julga louca. 470

CORO – De inflexível pai eis a inflexível filha:  
incapaz de se curvar ante a desgraça.

CRÉON – Sim, mas não te esqueças de que os mais tenazes  
são às vezes os primeiros a ceder.

O mais duro ferro temperado a fogo  
é o que mais depressa estala e se estilhaça. 475

Sei de débeis freios que domaram, prontos,  
indomáveis potros. Não é permitido  
ser soberbo assim a que depende de outrem.

Ela já mostrou toda a sua insolência 480

ao violar a lei previamente estatuída;  
e a essa vem juntar agora outra arrogância:  
a de se gabar e exultar do que fez.

Homem seria ela, e não eu, neste instante,  
se ousadia tal permanecesse impune. 485

Seja, embora, filha de uma irmã, ou seja  
a que o lar a mim mais próxima ligou,  
nem por isso as duas, ela e a irmã, escapam  
à mais vil das mortes. Pois também acuso  
a outra de ter sido cúmplice no crime. 490

Ide já buscá-la! Há pouco, em casa, a vi  
toda amedrontada, inquieta, como louca.

Sempre é assim: os que na sombra tramam crimes  
são os que primeiro a si mesmos se traem.

E também detesto os que, surpreendidos,  
tentam enfeitar seu crime com palavras. 495

ANTÍGONE – Presa, que mais queres tu que a minha morte?

CRÉON – Nada mais. Tendo isso, tenho o que desejo.

ANTÍGONE – O que esperas, pois? Não há palavra tua  
que me agrade, ou que possa vir a agradar-me:  
como tudo o que eu disser te desagrade. 500

Que mais nobre glória poderia eu ter  
que a de dar à terra o corpo de um irmão?  
Esses, que aí estão, todos me aplaudiriam  
se não lhes travasse a língua a covardia. 505

Esta, entre outras, é a vantagem dos tiranos:  
dizer e fazer tudo o que bem entendem.

CRÉON – Dos Cadmeus só tu vês as coisas assim.

ANTÍGONE – Todos vêm como eu: mas receiam-te e calam-se.

CRÉON – E não te envergonhas de ser diferente? 510

ANTÍGONE – Honrar um irmão não pode ser vergonha.

CRÉON – E o outro, que o matou, não era teu irmão?

ANTÍGONE – Sim, de um mesmo pai e de uma mesma mãe.

CRÉON – Por que o ofendes, pois, honrando ao outro impiamente?  
 ANTÍGONE – Não é o que diria o que está sepultado. 515  
 CRÉON – Sim, se ao ímpio rendes honra igual à dele.  
 ANTÍGONE – Não era um escravo: era igual, era irmão.  
 CRÉON – Vinha contra a terra que o outro defendia.  
 ANTÍGONE – Pouco importa: a lei da morte iguala a todos.  
 CRÉON – Mas não diz que o mau tenha o prêmio do justo. 520  
 ANTÍGONE – Não será talvez piedade isso entre os mortos?  
 CRÉON – Mesmo morto, nunca é amigo um inimigo.  
 ANTÍGONE – Não nasci para o ódio: apenas para o amor.  
 CRÉON – Se amar é o que queres, vai amar os mortos!  
 Enquanto eu viver, mulheres não governam. 525

*(ISMENE aparece)*

CORO – Eis que já no umbral surge Ismene  
 vertendo lágrimas de amor fraterno.  
 Uma nuvem de angústia turva-lhe o rubor  
 do rosto lindo,  
 banhando-o todo em pranto. 530

CRÉON – E tu que, sutil como a víbora, entraste  
 em casa e sugaste-me o sangue! E eu, nutrindo  
 duas fúrias prontas a arruinar-me o trono!  
 Dize-me: também ajudaste esse enterro,  
 ou me vais jurar, talvez, que ignoras tudo? 535

ISMENE – Se ela me permite, tomei parte igual,  
 tenho a mesma culpa e respondo por ela.  
 ANTÍGONE – Não, isso a Justiça não consente: nem  
 concordaste, nem te deixei intervir.  
 ISMENE – Mas já que te vejo assim nesta desgraça,  
 glória é para mim tudo sofrer contigo. 540

ANTÍGONE – O Hades bem conhece a culpada. Eu não sei  
 das amigas de palavras ser amiga.  
 ISMENE – Não me negues a honra de morrer contigo,  
 minha irmã, honrando também eu o morto. 545  
 ANTÍGONE – Não hás de morrer comigo, nem tornar  
 teu um ato alheio. Não: basta que eu morra.  
 ISMENE – Mas, sem ti, que vida poderei viver?  
 ANTÍGONE – Pergunta isso a Créon: dele é que cuidavas.  
 ISMENE – Por que me atormentas? Que prazer tens nisso? 550  
 ANTÍGONE – Dói-me muito rir quando é de ti que rio.  
 ISMENE – Mas, agora, em que é que te posso ajudar?  
 ANTÍGONE – Salva-te a ti mesma: é um bem que não invejo.  
 ISMENE – Ai de mim! Negas-me, então, a tua sorte?  
 ANTÍGONE – Preferiste a vida; eu preferi a morte. 555  
 ISMENE – Não porque eu não tenha dito o que pensava.  
 ANTÍGONE – Tu pensavas nuns, mas eu pensava noutros.  
 ISMENE – Nem por isso a nossa culpa é diferente.  
 ANTÍGONE – Ânimo! Estás viva, ao passo que minha alma  
 já morreu: e assim pode servir aos mortos. 560  
 CRÉON – Digo que estão loucas essas duas: uma  
 é de agora, ao passo que a outra é de nascença.  
 ISMENE – O bom-senso, ó Rei, mesmo vindo do berço,  
 não é coisa que resista à desventura.  
 CRÉON – É o teu caso: estar junto aos maus para o mal. 565  
 ISMENE – Para que viver só, separada dela?  
 CRÉON – Não me fales dela: ela não mais existe.  
 ISMENE – Vais matar a noiva de teu próprio filho?  
 CRÉON – Não lhe faltam terras férteis a lavar.  
 ISMENE – Mas não há mulher mais digna dele que ela. 570

CRÉON – A meus filhos não darei mulheres ruins.

ANTÍGONE – Pouco faz de ti teu pai, Hémon amado!

CRÉON – Estou farto já desses teus esponsais.

CORO – Vais privar teu filho, então, de sua esposa?

CRÉON – O Hades é que me há de livrar dessas núpcias. 575

CORO – Está decretada, pois, a sua morte?

CRÉON – Como o dizes, digo. E basta. Conduzi-as  
ao palácio, escravos! E vigiai-as bem.  
Não convém que tenham liberdade alguma.  
Sempre os audaciosos pensam em fugir 580  
quando vêm a morte a um só passo da vida.

(Saem todos)

CORO – Felizes os que não provaram na vida a desgraça!  
Àquele cujo lar abalaram os deuses, não há  
miséria que não corra em toda a extensão do seu sangue: 585  
tal como a vaga marinha  
que, sob a fúria dos ventos  
da Trácia, galopa por sobre o tétrico abismo,  
e a vasa negra revolve 590  
trazendo-a do fundo à tona  
e. cuspiendo-a em rajadas, estronda nas praias uivantes.  
De há muito que vejo na casa dos Labdacidas  
juntar-se à sua desdita a desdita dos que já morreram; 595  
sem que uma geração redima a outra, eis que a abate  
um deus irado e implacável.  
Agora, aquele clarão único 600  
da última nascida, que alumia o lar de Édipo,  
extingue-se a um punhado de terra cruenta  
dado aos deuses inferiores,  
e de palavras loucas e furioso delírio.  
Teu poder, ó Zeus, que humana força  
pode restringir? 605  
Nem o sono, que a todos subjuga e amolece,  
nem a divina fuga dos incansáveis  
meses; insensível ao tempo, como mestre

dominas o Olimpo  
de cintilante esplendor. 610  
Amanhã, no futuro,  
como ontem, no passado,  
valerá esta lei: nada entra  
de grande na vida mortal sem sofrimento.  
A esperança, que a tantos faz errar, 615  
se para muitos é um bem,  
para outros, no entanto, é miragem de vãos desejos.  
Ao incauto se insinua,  
até que um dia sente os pés sobre o fogo vivo.  
Sabedoria é a ilustre 620  
sentença que assim reza:  
Um dia o mal parece o bem  
àquele que a divindade  
está levando à ruína.  
Pouco tempo tem antes que a ruína o arraste. 625

(CRÉON entra)

Eis aí vem Hémon: dentre os teus filhos é ele  
o último nascido. Vem acabrunhado  
talvez pelo destino  
que espera Antígone, sua jovem noiva;  
ou virá chorando as já desfeitas núpcias. 630

(Entra HÉMON)

CRÉON – Dispensado adivinhos: logo o saberemos.  
Filho, acaso vens enfurecido pela  
ordem de teu pai contrária à tua noiva?  
Faça o que fizer, sou teu amigo, ou não?

HÉMON – Pai, sou teu. E tu, com teus conselhos úteis,  
sempre me guiaste, e eu sempre hei de segui-los. 635  
Para mim, não há núpcia alguma que valha  
a sabedoria com que me conduzes.

CRÉON – Isto, ó filho, é que hás de ter sempre em teu peito:  
não opor-se nunca à vontade paterna. 640

Só por isso os homens querem procriar  
e manter no lar filhos dóceis, que saibam  
ir contra o inimigo e prestar ao amigo  
a mesma homenagem que prestam ao pai.  
Ao contrário: quem criou filhos inúteis 645  
a si mesmo deu motivos de aflição  
e motivos de risota aos inimigos.  
Nunca sacrifiques, filho, tais princípios  
só pelo prazer que uma mulher te dá;  
lembra-te de que é sempre de gelo o abraço 650  
de uma esposa má em nosso lar. Pois que  
maior praga existe do que um falso amigo?  
Renuncia, pois, a essa mulher perversa:  
manda-a procurar um esposo no Inferno.  
Já que a surpreendi, única entre todos, 655  
em desobediência, e em face da cidade  
nunca poderei quebrar minha palavra,  
eu a matarei, mesmo que invoque Zeus  
protetor do lar. Pois se esses de meu sangue 660  
me desobedecem, que farão estranhos?  
O homem que governa bem a sua casa  
há de governar com justiça a cidade.  
Mas quem, por orgulho, menospreza as leis  
e pretende opor-se a quem tem o poder,  
esse não terá jamais o meu favor. 665  
Ao governador é devida obediência  
na pequena ou grande coisa, justa ou não.  
O homem que obedece, esse, eu tenho certeza,  
saberá mandar, pois sabe ser mandado,  
e, na confusão da peleja, estará 670  
firme em seu lugar, soldado bravo e leal.  
A anarquia é o pior de todos os flagelos:  
é ela que destrói cidades, que subverte  
lares, que em batalha rompe, põe em fuga,  
desbarata tropas; enquanto onde há ordem 675  
salva-se por certo a mor parte das vidas.  
Eis por que é um dever respeitar sempre as leis,  
e não se deixar dominar por mulheres.

Antes sucumbir sob um punho viril,  
pois ninguém dirá que a mulher nos venceu. 680  
CORO – Quanto a nós, parece, se não mente a idade,  
dito muito bem o que tão bem disseste.  
HÉMON – Pai, os deuses deram a razão ao homem  
como o maior bem dentre quantos existem.  
Ora, não direi, nem saberei dizê-lo, 685  
que, falando assim, falaste certo, ou não.  
É que outros também poderão estar certos.  
Tenho, em teu lugar, sabido o que se diz,  
tudo o que se faz, tudo o que se critica.  
Tu, presente, o povo simples se intimida; 690  
nem te agradaria ouvir o que murmura.  
Mas eu, só, na sombra, escuto e vejo o quanto  
chora esta cidade a sorte dessa jovem,  
inocente e nobre mais que qualquer outra,  
condenada à mais ignominiosa morte 695  
por haver cumprido a ação mais meritória:  
a de não deixar que o irmão, morto na luta,  
insepulto, fosse entregue aos cães e às aves.  
“Não mereceria uma coroa de ouro?” –  
é o que a meia-voz toda gente pergunta. 700  
Nada é, para mim, mais que o teu bem, meu pai.  
Que outro anseio, para um filho, pode haver  
que não seja o bem-estar do próprio pai,  
como, para um pai, o do seu próprio filho?  
Não te obstines, pois, nesta única atitude: 705  
que tu falas certo, e certo é só o que dizes.  
O que pensa ser o único a ter razão,  
ter na alma e na língua o que ninguém mais tem,  
esse, posto às claras, tem no fundo o vácuo.  
Para um homem, seja um sábio, não é nódoa 710  
sempre aprender mais, ou mudar de opinião.  
A árvore, que verga e que entrega à corrente  
a ramagem, salva-se: e no entanto aquela  
que resiste acaba sendo desarraigada.  
E também o nauta que, com punho de aço, 715  
mantém firme a escota e não a afrouxa nunca,

emborcando a nau, navega a quilha no ar.  
 Muda de opinião, abranda a tua cólera.  
 Moço como sou, dir-te-ia, se me ouvisses,  
 que o homem superior é o que nasceu sabendo, 720  
 sem ter que aprender com mais ninguém mais nada.  
 Já que isso nem sempre acontece, é prudente  
 consultar também o bom-senso dos outros.

CORO – Rei, se ele está certo e tem razão, convém  
 que o ouças, e ele a ti: ambos falaram bem. 725

CRÉON – Somos nós, então, que, na idade em que estamos,  
 temos que aprender com gente dessa idade?

HÉMON – O que é justo, sim. Se sou moço, o que vale  
 são meus atos: não o tempo que vivi.

CRÉON – E é uma bela ação honrar os sediciosos? 730

HÉMON – Para criminosos não reclamo graça.

CRÉON – Não foi crime, acaso, aquilo que ela fez?

HÉMON – O que o povo diz em Tebas é que não.

CRÉON – E é a cidade que há de ditar minhas leis?

HÉMON – Vês? estás falando como uma criança. 735

CRÉON – Devo governar pela opinião dos outros?

HÉMON – Não há Estado algum que só pertença a um homem.

CRÉON – A cidade, então, não é de quem governa?

HÉMON – Talvez, se esse rei governasse um deserto.

CRÉON – Ah! ele defende assim essa mulher! 740

HÉMON – Se achas que és mulher: pois só defendo a ti.

CRÉON – Infeliz, que se ergue até contra seu pai!

HÉMON – Porque sei que está violentando a justiça.

CRÉON – Violentando-a, se defendo o meu poder?

HÉMON – Não, não o defendes desprezando os deuses. 745

CRÉON – Miserável, que se entrega a uma mulher!

HÉMON – Mas nunca me entrego a sentimentos vis.

CRÉON – Falas: e o que dizes é por ela apenas.

HÉMON – E por ti, por mim, pelos deuses do Inferno.

CRÉON – Mas nunca haverás de desposá-la viva. 750

HÉMON – Pois se ela morrer, não morrerá sozinha.

CRÉON – Chegas a ameaçar-me, e com essa arrogância?

HÉMON – Julgas que é ameaçar opor-se à insensatez?

CRÉON – Dá lições do que não sabes, e verás!

HÉMON – Não fosses meu pai, dir-te-ia quem se engana. 755

CRÉON – Basta de lisonja, escravo de mulher!

HÉMON – Queres só falar e não ouvir resposta?

CRÉON – Ah! É assim? Pois sabe, pelo Olimpo, que  
 te hás de arrepender de tais admoestações. 760  
 Tragam já aqui aquele ser odioso  
 para que pereça ao lado do seu noivo.

HÉMON – Ah! não creias tal! Não morrerá a meu lado,  
 nem teus olhos nunca mais me hão de ver, nunca!  
 Continua tu com a tua demência  
 junto àqueles que se dizem teus amigos. 765

(*Sai*)

CORO – Ei-lo, ó rei, que parte, rápido e furioso:  
 nessa idade a dor é cheia de ameaças.

CRÉON – Que vá, se quer ser mais que um homem! E saiba  
 que não salvará da morte essas mulheres.

CORO – Queres condenar à morte, então, as duas? 770

CRÉON – Tens razão: a que nada fez pouparei.

CORO – E a que morte é que vais condenar a outra?

CRÉON – Mandarei levá-la a algum lugar deserto  
 e enterrá-la viva em um antro rochoso,  
 com comida, a fim de evitar sacrilégio 775

e, para a cidade, a mácula de um crime.  
Lá talvez, rogando ao Hades, seu deus único,  
possa obter a graça de escapar à morte;  
ou aprenderá, pelo menos, que é esforço  
inútil honrar os deuses inferiores. 780

(Sai)

CORO – Eros, invicto na batalha,  
Eros, que à tua presa escravizas;  
tu, que nas faces delicadas  
da virgem estás à espreita 785  
e vogas sobre o mar e pelas agrestes choupanas:  
de ti nem o divino eterno se liberta 790  
nem o efêmero humano; o que te possui desvaira.  
Tu, que aos justos tornas injustos,  
enlouqueces e levas à ruína;  
tu, que também esta contenda  
entre homens – pai e filho – armaste! 795  
Mas triunfa fulgindo entre os cílios e úmido olhar da amável  
noiva, como que sob o comando das fortes 800  
leis. Sem lutar, brinca conosco a divina Afrodite.

(Entra ANTÍGONE entre guardas)

Ora, eis que também, à vista do que vejo,  
sinto-me forçado a me afastar das leis;  
e nem sei conter a torrente de lágrimas,  
vendo dirigir-se ao tálamo, que tudo  
adormenta, Antígone – ei-la que aí vem. 805

ANTÍGONE – Vede, cidadãos de minha própria pátria:  
vede-me partindo  
para a última viagem, contemplado a última  
luz do sol: 810  
depois, nada. O Hades, que a todos adormenta,  
arrasta-me  
viva às margens  
do Aqueronte e sem

himeneu, sem que um hino nupcial antes me houvesse  
celebrado; sim, o Aqueronte é meu noivo. 815

CORO – Entretanto, com glória e louvores  
ao retiro dos mortos caminhas,  
sem que doença cruel te consuma,  
nem te varem o corpo as espadas; 820  
é por tua vontade que, viva,  
única entre os mortais, vais ao Hades.

ANTÍGONE – Tristemente ouvi contar como morreu  
a estrangeira da Frígia,  
filha de Tântalo, no vértice de Sipilo: 825  
como hera tenaz,  
plantas pedrentas prenderam-na;  
e sobre ela, que se funde,  
isso é o que dizem, 830  
chove e neva sem cessar;  
e ela com seu pranto banha  
os pétreos flancos. Ora,  
destino igual me leva ao último sono.

CORO – Era deusa e era filha de deuses;  
nós, mortais, de mortais descendemos. 835  
Mas na morte terás grande glória,  
por haver tido a sorte dos deuses,  
quer enquanto vivias, quer morta.

ANTÍGONE -- Ah! Riem de mim! Pelos deuses, por que,  
antes que eu parta, o escárnio 840  
em minha face?  
Ó cidade, ó da cidade  
opulentos cidadãos!  
Ó fonte do Dirce, ó cintura de bosques  
da Tebas dos belos carros: ao menos 845  
a vós tomo por testemunhas  
de como sem prantos de amigos, mas, por suas leis,  
marcho para o cárcere erigido em tumba nunca vista.  
Pobre de mim 850  
que, entre vivos e entre mortos,  
não habitarei com vivos nem com mortos!

CORO – Tu subiste até o topo da audácia,  
e contra o pedestal da Justiça  
eis, ó filha, que tombas ferida.  
Pagas caro algum crime paterno. 855

ANTÍGONE – Vens tocar no que há de mais dorido em mim:  
a sorte célebre de um pai  
e tudo o que foi 860  
o destino de nós todos,  
os ilustres Labdacidas.  
Ó cego leito materno,  
enlace carnal que ao próprio filho,  
meu pai, uniu minha pobre mãe: 865  
e disso, mísera, foi que nasci.  
Por eles maldita e sem núpcias, com eles vou morar agora.  
Ó irmão,  
tão infaustas núpcias te couberam 870  
que, tu morto e eu viva, me mataste.

CORO – Honrar mortos, por certo, é piedade,  
porém o poderoso ao poder  
não permite qualquer transgressão:  
teu autônomo impulso perdeu-te. 875

ANTÍGONE – Sem prantos por mim, sem amigos, sem núpcias,  
eis que me arrastam já pela estrada fatal.  
Nunca mais o olhar dessa sagrada lâmpada  
há de encontrar o meu, coitada! 880  
Minha sorte sem lágrimas amigo algum lamenta.

*(Entra CRÉON)*

CRÉON – Não sabeis que prantos e ais não faltariam  
ante a morte, se valessem qualquer coisa?  
Que esperais? Levai-a e encerrai-a depressa 885  
na tumba de pedra, tal como ordenei;  
e deixai-a só, no abandono; que morra,  
ou viva, enterrada, a vida subterrânea.  
De seu sangue temos limpas nossas mãos.  
O que lhe é vedado é viver entre os vivos. 890

ANTÍGONE – Ó túmulo, alcova nupcial, meu abrigo  
subterrâneo em que hei de morar para sempre,  
e onde encontrarei quase todos os meus  
que entre os mortos já Perséfone acolheu! 895  
Eu, a última e a mais infeliz, desço a ti  
sem haver provado o meu gole de vida.  
Entretanto, lá, tenho firme esperança,  
hei de ser bem-vinda a ti, meu pai; a ti,  
minha mãe; a ti, meu irmão bem-amado:  
pois que, mortos vós, com minhas próprias mãos 900  
vos lavei, vesti e fiz as libações  
sobre a vossa tumba. E agora, Polinices,  
eis meu prêmio por querer honrar teu corpo.  
E tive razão aos olhos dos sensatos.  
Se eu tivesse tido filhos, e os perdesse, 905  
e um esposo morto apodrecendo ao sol,  
a cidade não maldiria o que fiz.  
Qual a norma, pois, por que me conduzi?  
Morto meu esposo, outro não faltaria 910  
que me desse, como o primeiro, outro filho.  
Mas, com mãe e pai já entre as sombras do Hades,  
nunca poderei ver nascer outro irmão:  
eis por que te dei a minha preferência  
e por isso Créon me julgou culpada  
e rebelde às leis, meu irmão bem-amado. 915  
E fui presa, e vou – sem haver conhecido  
nem o leito, nem o cântico nupcial,  
nem o esposo, nem os filhos por criar –  
sem amigos, só, desgraçada, descendo  
ainda viva para o fosso sepulcral. 920  
Que divina lei terei eu transgredido?  
De que serve erguer os olhos para os deuses  
e a que aliado fiel poderei recorrer,  
acusada de ímpia em minha piedade?  
Mas se o que padeço é bem visto dos deuses, 925  
padecendo eu hei de me sentir culpada.  
Se outrem é o culpado, que não sofra ao menos  
dor como esta a mim injustamente imposta!

CORO – Sempre as mesmas rajadas de vento  
que atormentam esta alma em tumulto. 930

CRÉON – E por isso, talvez custe caro  
aos que a levam toda essa demora.

ANTÍGONE – Ai de mim! Oh! como essa palavra  
está perto da morte!

CRÉON – Tens razão. Não esperes, portanto,  
que eu não venha a cumprir o que disse. 935

ANTÍGONE – Ó Tebas, terra de meus pais,  
e vós, ó numes tutelares,  
eis-me levada, e sem demora.  
Vede, príncipes de Tebas,  
esta última filha de reis 940  
o quanto sofre, e em mãos de quem,  
pelo crime de ser piedosa.

*(Sai levada pelos guardas. CRÉON entra no palácio)*

CORO – Dânae também à clara luz do sol  
disse um adeus ao seu torreão de bronze;  
enterrada num tálamo-sepulcro, e subjugada, 945  
no entanto, filha, ó filha, era de nobre estirpe  
e concebeu ao sêmen da áurea chuva de Zeus. 950  
Tremenda é a força do destino obscuro:  
nem ouro, nem armas, nem baluartes, nem negras naus,  
contra as quais bate o mar, lhe resistem.  
Subjugado também foi o impetuoso filho de Drias, 955  
rei dos Edonianos, por seus ditos mordazes:  
Diôniso encerrou-o num sarcófago de pedra;  
e assim, gota a gota, foi destilando a violência 960  
da sua altiva loucura; e em sua própria loucura  
reconheceu o deus que a sua língua ferira:  
quis apagar o ardor das bacantes e das tochas do evoé,  
e irritou as Musas amigas das flautas. 965  
Junto às rochas Ciaméias do mar gêmeo, estendem-se  
as margens do Bósforo, e na Trácia a inóspita  
Salmidesso, onde Ares, seu padroeiro, 970

viu nos dois filhos de Fineu  
a terrível ferida  
com que os cegara a esposa truculenta:  
ferida gritando vingança pelas órbitas ocas 975  
dos olhos arrancados  
por cruentas mãos e navetas pontiagudas.  
Finando-se, miseráveis na miserável sorte,  
choravam os filhos de tão mal casada mãe; 980  
esta, no entanto, remontava à estirpe  
antiga dos Erécias,  
e em remotos antros  
criou-se entre os furacões paternos:  
filha de Bóreas, rival dos potros galgando píncaros, 985  
filha de deuses! Mas também contra ela  
se ergueram as Parcas macróbias, minha filha!

*(Entra TIRÉSIAS conduzido por um menino)*

TIRÉSIAS – Senhores de Tebas, caminhamos juntos,  
dois com os olhos de um: assim é que caminham  
pela estrada os cegos, graças ao seu guia. 990

*(Entra CRÉON)*

CRÉON – Que novas nos trazes tu, velho Tirésias?

TIRÉSIAS – Já direi; mas tu, dá crédito ao vidente.

CRÉON – Ainda não deixei de ouvir os teus conselhos.

TIRÉSIAS – Pilotaste bem, por isso, esta cidade.

CRÉON – A experiência diz que sempre me foste útil. 995

TIRÉSIAS – Cuidado! Andas sobre um fio de navalha!

CRÉON – E que mais? Tuas palavras me arrepiam.

TIRÉSIAS – Vais saber, ouvindo os sinais de minha arte.  
Estava eu sentado em minha sédia antiga  
postada onde tem seu porto o mundo alígero, 1000  
quando ouço um clamor mau de aves agourentas  
num incompreensível falatório bárbaro.

Percebi que se rasgavam com as garras,  
 pelo ruído, é claro, do bater das asas.  
 Alarmado, então, tentei um holocausto  
 1005 sobre a pira acesa na ara; mas da vítima  
 não se erguia Hefesto em chama clara: a enxúndia  
 das coxas pingava, líquida, na cinza,  
 fumegava e esborrifava-se; e eis que o fel,  
 1010 estourando, salta e evapora-se; e os fêmures  
 surgem, nus e brancos, do unto que os cobria.  
 Por este menino eu soube dos infaustos  
 sinais que o abortado holocausto me dava,  
 pois ele me guia como eu guio aos outros.  
 1015 Vem do teu querer o mal desta cidade.  
 Altares e lares andam conspurcados  
 por laivos de carne que arrancaram cães  
 e aves ao cadáver desse filho de Édipo.  
 Já os deuses recusam nossos sacrifícios  
 1020 e orações, e a flama não sobe das coxas  
 da vítima e as aves gritam maus augúrios  
 fartas dessa graxa e desse sangue humano.  
 Pensa, filho, em tudo o que te digo. Os homens  
 todos são sujeitos a freqüentes erros;  
 1025 mas, caindo em falta, deixará de ser  
 um tolo e infeliz quem reconhece a culpa,  
 remediando assim o mal que cometeu.  
 Toda obstinação é pura grosseria.  
 Cede, pois, à morte; poupa esse cadáver.  
 1030 Pode ser façanha assassinar um morto?  
 Falo por estima: e é doce ouvir falar  
 quando é proveitosa e amiga a voz que fala.

CRÉON - Velho e todos vós, como arqueiros ao alvo,  
 mirais contra mim. Nem mesmo a arte dos águeres  
 quer poupar-me. Eu sei que para a vossa estirpe  
 1035 sou mercadoria com que se trafica.  
 Seja! Enriquecei, comprai em Sardes todo  
 o ouro branco, e se vos aprouver, todo o ouro  
 da Índia: mas jamais sepultareis esse homem;  
 1040 mesmo que desejem as águias de Zeus

ao trono do deus levar essa carniça,  
 nem assim, temendo uma conspurcação,  
 hei de permitir que se enterre esse morto.  
 Sei que homem algum pode infectar os deuses.  
 1045 Mesmo o mais sagaz, velho Tirésias, falha  
 vergonhosamente em seus hábeis discursos  
 quando o que os inspira é apenas a ambição.

TIRÉSIAS - Ai de mim!  
 Sei lá! Haverá quem compreenda...

CRÉON - O quê? Mas de que trivialidade falas?

TIRÉSIAS - ... que a sabedoria ainda é o maior dos bens. 1050

CRÉON - Como a insensatez ainda é o maior dos males.

TIRÉSIAS - E este, justamente, é o mal de que padeces.

CRÉON - Eu não sei pagar com injúria a adivinhos.

TIRÉSIAS - E o fazes dizendo falsos meus augúrios.

CRÉON - Ávida de lucro é a raça dos videntes. 1055

TIRÉSIAS - E de lucro ilícito essa dos tiranos.

CRÉON - Sabes que diriges a palavra a um chefe?

TIRÉSIAS - Sei. Graças a mim salvaste esta cidade.

CRÉON - És sábio adivinho, mas propenso ao mal.

TIRÉSIAS - Forças-me a dizer o que eu guardava oculto. 1060

CRÉON - Fala, desde que não te inspire o interesse.

TIRÉSIAS - Se o interesse é o teu, falo por interesse.

CRÉON - Sabe que por nada eu mudarei de idéia.

TIRÉSIAS - Tu, por tua vez, sabe que não verás  
 1065 muito tempo o sol cumprir seu giro diurno  
 antes de pagar por esse morto o preço  
 de outro morto do teu próprio sangue, pois  
 lançaste lá embaixo um ser de aqui de cima  
 impiedosamente dando a um vivo um túmulo,  
 1070 enquanto reténs, negando-o aos deuses inferos,

insepulto e sem exéquias, um cadáver.  
 Não tens, e nem têm os deuses tal direito.  
 Usas de violência, pois, contra eles próprios.  
 Eis por que te espiam já as vingadoras  
 dos deuses supernos e inferos: as Fúrias, 1075  
 que te causarão as dores que causaste.  
 Dize agora se é por dinheiro que eu falo!  
 Pouco tempo falta, em tua própria casa  
 hão de uivar de dor os homens e as mulheres.  
 Contra ti, clamando, hão de erguer-se as cidades 1080  
 cujos mortos só cães e feras souberam  
 enterrar, ou ave que levou aos lares  
 seu bocado vil de carniça insepulta.  
 Toma! São as flechas que, arqueiro irritado,  
 arremesso, certas, ao teu coração: 1085  
 não evitarás seu ardor infalível.  
 Leva-me, menino, à nossa casa. Que ele  
 contra outros mais moços descarregue a bÍlis  
 e aprenda a domar a língua e a alimentar  
 dentro de si mesmo idéias menos loucas. 1090

*(Sai conduzido pelo menino)*

CORO – O homem foi-se, ó rei, depois do horrendo augúrio.  
 Bem sabemos nós, desde quando eram negros  
 meus cabelos, que ora estão embranquecendo,  
 que tudo o que disse sempre aconteceu.  
 CRÉON – Bem sei. E por isso estou apavorado. 1095  
 Se é duro ceder, para mim, não o é menos,  
 resistindo, estraçalhar-me na desgraça.  
 CORO – Prudência, Créon, filho de Meneceu.  
 CRÉON – Que devo eu fazer? Fala e obedecerei.  
 CORO – Tira essa mulher da prisão subterrânea 1100  
 e manda enterrar o morto profanado.  
 CRÉON – Isso é o que aconselhas? Deverei ceder?  
 CORO – Quanto mais depressa, ó rei, porque os castigos  
 dos deuses não tardam a alcançar os réus.

CRÉON – Custa-me, ai de mim!, voltar atrás, mas volto,  
 já que é inútil ir contra o que é necessário. 1105

CORO – Vai fazê-lo, e já! Não o confies a outrem!

CRÉON – Imediatamente, e como estou. Vós outros,  
 presentes e ausentes, ide todos, ide  
 com as vossas achas até lá, não vedes? 1110  
 E eu, porque mudei de opinião, o que fiz,  
 pessoalmente, eu mesmo é que hei de desfazer.  
 Penso que o melhor ainda é passar a vida  
 respeitando e honrando sempre as boas leis.

*(Sai com escravos)*

CORO – Tu, dos muitos nomes, orgulho da filha de Cadmo,  
 rebento do deus tonitruante 1115  
 que protege a ínclita Itália, tu que reinas  
 no Elêusis dos hospitaleiros 1120  
 vales de Deo:  
 ó Baco, que em Tebas, cidade-mãe das bacantes,  
 vives ao longo da água andante do Ismeno  
 onde foi semeado o dragão indomável. 1125  
 Tu, avistado no pico de dois cumes pela flama fuliginosa  
 das tochas, onde folgam as ninfas bacantes  
 da Corícia cova 1130  
 e está a fonte Castália.  
 Tu, que os montes de Nisa  
 de escarpas vestidas de hera e de um verde brilhante  
 de pâmpanos frescos,  
 ao ressoar o evoé dos cânticos divinos 1135  
 mandam visitar as ruas de Tebas:  
 das cidades a que mais  
 veneras, igualando-a  
 à tua mãe fulminada. 1140  
 Agora, que uma virulenta  
 peste infesta a cidade e toda a sua gente,  
 vem com teus pés lustrais, transpondo  
 as rampas do Parnaso ou gemebundo estreito. 1145  
 Tu, que fazes dançar

os astros cadentes e presides  
aos noturnos clamores,  
filho e gérmen de Zeus,  
surge, ó rei, aos nossos olhos com teu séquito todo: 1150  
as Tiades que, delirando a noite inteira,  
dançam em teu louvor, dispensador Iaco!

MENSAGEIRO – Vizinhos das casas de Ânfião e de Cadmo, 1155  
não há vida humana alguma que eu me sinta  
capaz de invejar, ou então de lastimar.  
A fortuna eleva e a fortuna derruba  
incessantemente o infeliz e o feliz.  
Não há quem prediga a constância das coisas. 1160  
Créon, ainda há pouco, era digno de inveja:  
tinha libertado esta terra de Cadmo,  
governava como um senhor absoluto,  
cercado por uma nobre geração.  
Pois perdeu tudo isso. E quem perde a alegria, 1165  
esse, para mim, é um homem que não vive:  
é um cadáver animado, nada mais.  
Vai, junta riquezas, vive como um rei:  
mas se não houver alegria em tudo isso,  
pelo que restar eu é que não darei 1170  
nem sequer a sombra vã de uma fumaça.

CORO – Que outras novas más dos nossos reis nos trazes?  
MENSAGEIRO – Mortos. E os culpados dessa morte vivem.  
CORO – Quem é o assassino? e a vítima? Responde!  
MENSAGEIRO – Hémon morreu. Mãos do seu sangue o mataram. 1175  
CORO – Quais? As de seu pai, ou suas próprias mãos?  
MENSAGEIRO – Matou-se, indignado ante o crime paterno.  
CORO – Oh! como deu certo, áugure, o teu augúrio!  
MENSAGEIRO – Esse é o caso; agora, é só pensar no resto.  
CORO – Eis aí vem Eurídice, a infeliz esposa 1180  
de Créon. Saiu do palácio talvez  
por acaso, ou porque ouviu falar do filho.

EURÍDICE – Ó vós que aqui estais, ouvi o que dizíeis  
quando ia saindo para à deusa Palas  
ir oferecer as minhas orações. 1185  
Já corra os trincos e entreabira a porta,  
quando me feriu o ouvido um som funesto  
de morte entre os meus; e, aterrada, tombei  
sem sentidos entre os braços das escravas.  
Seja ela qual for, repeti-me a notícia: 1190  
não é alheio à dor o ouvido que a escutar.

MENSAGEIRO – Eu estava lá, minha boa senhora:  
nada esconderei de tudo quanto vi.  
Por que hei de pintar menos cruas as coisas,  
e depois dizerem que sou mentiroso? 1195  
Ia indo a pé, seguindo o teu marido  
naquele alto em que ainda estava, sem piedade,  
roído pelos cães o pobre Polinices.  
Depois de rogar à deusa das estradas  
e a Plutão que contivessem sua cólera, 1200  
lavamos o corpo com água lustral;  
sobre galhos frescos tudo incineramos;  
com terra materna erguemos o seu túmulo;  
e só então partimos para o antro de pedra:  
o leito mortal da desgraçada noiva. 1205  
Um de nós, então, ouve uma voz plangente,  
que subia dessa tumba de impiedade,  
e vem avisar a Créon, nosso rei.  
Este, quanto mais se aproxima, o lamento  
vago mais o alcança; até que, soluçando, 1210  
lança um lancinante grito: “Ai de mim! Devo  
crer no que me está dizendo o coração?  
De quantas andei, é esta a mais dura estrada?  
É a voz do meu filho que me reconhece!  
Servos, já, depressa! Ide à fossa, afastai 1215  
as pedras que a fecham, penetrai por elas  
até o fundo! Ouvi se é de Hémon mesmo a voz  
que escuto, ou se são os deuses que me enganam!”  
Parecia louco o rei. E à sua ordem  
olhamos. No fundo do antro, eis o que vimos: 1220

ela, estrangulada por um laço feito  
 com seu véu de linho enrolado ao pescoço;  
 e ele que, sobre ela atirado, abraçava-a  
 chorando sozinho a sua noiva morta,  
 a ordem de seu pai e o pobre amor desfeito. 1225  
 Mal o vê, o pai rompe em surdos soluços,  
 entra, corre, alcança-o e em altos brados clama:  
 "Mísero, que fazes? Por que vieste aqui?  
 Que cegueira é essa? Vem, meu filho, vem!  
 Vem, que eu te suplico! Vem, que eu te conjuro!" 1230  
 Mas o filho, olhando-o firme e cheio de ódio,  
 cospe-lhe na cara e, sem lhe dar resposta,  
 saca a espada de dois gumes e erra o golpe  
 contra o pai que foge. E então, desesperado,  
 volta o seu furor contra si mesmo: atira-se 1235  
 sobre a arma que até a metade entra em seu peito.  
 E, ainda em si, estende à noiva os braços frouxos,  
 lançando na face lívida da virgem  
 um jato de sangue que lhe sai da boca.  
 Morto junto à morta, enlaçados, assim 1240  
 cumprem o ritual de suas núpcias no Hades,  
 como exemplo aos homens de que para os homens  
 o maior dos males é a insensatez.

(EURÍDICE sai)

CORO - O que pensas disto? A senhora partiu  
 sem uma palavra, fosse boa ou má. 1245

MENSAGEIRO - Também estranhei. Mas penso que, talvez,  
 tendo ouvido a triste história de seu filho,  
 não quer lamentar-se em público: prefere  
 partilhar com seus domésticos o luto.  
 Ela tem bom-senso: não faria absurdos. 1250

CORO - Não sei. Tenho medo dos grandes silêncios,  
 como tenho medo dos clamores vãos.

MENSAGEIRO - Vamos ver: e assim descobrir se naquele  
 pobre coração se oculta algum propósito.

Vou saber o que há. O que disseste é certo:  
 tão grande silêncio não é bom sinal. 1255

(Sai)

CORO - Eis aí vem nosso rei em pessoa.  
 Traz nos braços legítima prova  
 de um delito, permitam que o diga,  
 que ele só, ninguém mais, cometeu. 1260

(Entra CRÉON com o cadáver de HÉMON nos braços)

CRÉON - Ó delitos da mente demente,  
 teimosia mortal!  
 De um mesmo sangue oriundos  
 são a vítima e o réu que aqui vedes:  
 ó loucura das leis que ditei! 1265  
 Ó meu filho imaturo que a morte,  
 ai de mim!,  
 imatura levou,  
 não por teu, mas por meu desatino!

CORO - Tu tardaste a enxergar o que é justo. 1270

CRÉON - Ai de mim!  
 Compreendi bem tarde. Naquele momento,  
 um deus, desabado com todo o seu peso  
 sobre mim, levou-me por falsos caminhos  
 e calçou aos pés toda a minha alegria. 1275  
 Ai de mim! Ó vãos esforços dos mortais!

(Entra o 2º MENSAGEIRO)

2º MENSAGEIRO - Ó senhor, parece que levas nos braços  
 parte de uma dor cuja outra parte vos espera,  
 como já verás, em tua própria casa. 1280

CRÉON - Que dizes? Que dor doerá mais que a minha?

MENSAGEIRO - Tua esposa é morta: é morta a mãe do morto  
 que em teus braços trazes. Infeliz, matou-se.

CRÉON – Ah! Ó porto insaciável da morte,  
 por quê? por que me aniquilas? 1285  
 Ó tu, portador  
 de más notícias, que dizes?  
 Acabas de matar um homem morto.  
 Que dizes tu? Que outras novas trazes,  
 pobre de mim!, 1290  
 da mulher que se matou  
 juntando outra morte a esta morte?

CORO – Bem podes vê-la: já não mais se esconde.

CRÉON – Ai de mim!  
 Eis que, desgraçado, vejo outra desgraça! 1295  
 Que outro golpe, que outro golpe ainda me espera?  
 Ainda com meu filho infeliz em meus braços,  
 e já à minha frente vejo outro cadáver!  
 Ó desventurada mãe, ó filho meu! 1300

MENSAGEIRO – Essa, ao pé do altar, com uma lâmina afiada,  
 apagou seus olhos, tendo antes chorado  
 o primeiro morto, o ilustre Megareu;  
 depois, o que aí está; e afinal contra ti  
 imprecou todo o mal, pois mataste o seu filho. 1305

CRÉON – Ai de mim!  
 Tremo de terror! Por que  
 não me ferem a golpes de espada?  
 Ó desgraçado de mim,  
 assaltado por tantas desgraças! 1310

MENSAGEIRO – Essa morta foi quem sobre ti lançou  
 dupla acusação: deste e do outro assassinio.

CRÉON – Mas de que maneira foi que se matou?

MENSAGEIRO – Com a própria mão golpeando o próprio fígado, 1315  
 mal ouviu contar como morrera o filho.

CRÉON – Ai de mim! Ninguém mais, senão eu,  
 pode ser por alguém acusado.  
 Eu, fui eu, infeliz, quem matou,  
 eu vos juro! Vós todos, ó fâmulos, 1320

levai-me depressa, levai-me daqui,  
 que eu agora sou menos que nada. 1325

CORO – É um lucro que tiras, se há lucros no mal:  
 e quanto mais breve, mais leve a desgraça.

CRÉON – Eia! Eia!  
 Venha a mim a mais bela das sortes,  
 a que apague minha última luz: 1330  
 a melhor! Eia! Eia!  
 E que eu nunca mais veja outro dia!

CORO – Isso é apenas futuro. O presente exige  
 atos. O futuro espera quem o espera. 1335

CRÉON – Tudo quanto roguei é tudo quanto quero.

CORO – Para que rogar? Nenhum mortal jamais  
 conseguiu fugir à sorte já traçada.

CRÉON – Arrastai daqui depressa este homem louco:  
 eu, meu filho, que, sem querer, te matei 1340  
 e também a ela. Infeliz, já nem sei  
 a qual desses dois volver o olhar. Já tudo  
 ao redor de mim é ruína. Tudo oscila. 1345  
 Abateu-me um destino implacável.

(Sai)

CORO – Há muito que a sabedoria é a causa  
 primeira de ser feliz. Nunca aos deuses  
 ninguém deve ofender. Aos orgulhosos 1350  
 os duros golpes, com que pagam suas  
 orgulhosas palavras,  
 na velhice ensinam a ser sábios.